

# O BERÇO da CRIANÇA

ASSINATURA: Anual, 20\$00; Trimestre, 5\$00; Avulso, \$50

Semanário nacionalista

Propriedade da Empresa  
Editor — ANTÔNIO LINO

DIRECTOR: H. ALMEIDA

Redacção e Administração — Rua da República, 48-1.  
Impressão: Tip. Minerva — Villa Nova de Famalicão

## FESTAS DA CIDADE

## A' MARGEM

**N**ÃO impusemos com entonos petulantes, apenas alvitramos, um programa das «Gualterianas» formado por números que constituíssem verdadeiros motivos de atracção.

Sessões de fogo, músicas e iluminações, elementos indispensáveis em qualquer festa, não representam, evidentemente, números de cartaz!

A Marcha Gualteriana, cortejo de feérie e deslumbramento, não basta, por si só, para imprimir às Festas da Cidade, imponência e grandeza.

Além disso, sendo a marcha um número nocturno, não proporciona ao comércio local, aquelas largas vantagens que êle espera colhêr da realização das Gualterianas. O povo chega, assiste à passagem do cortejo, para daí a instantes abalar. Impõe-se a organização de números diurnos de efeito grandioso.

As batalhas de flôres vulgarizadas por tantas terreolas, já não entusiasmam os forasteiros.

Foram estas as razões, por que nós preconizamos, além da Marcha Gualteriana, cortejos agrícolas, danças regionais e reconstituições históricas, dinamizando cenas do passado.

Mas ainda que nós não tivéssemos esboçado um programa dentro desta feição, os artistas de Guimarães, srs. capitães Luiz Pina, Duarte Fraga e sr. José Pina, não podiam deixar de, ao emitirem as suas epiniões, indicar as paradas agrícolas e as reconstituições históricas, como os únicos meios de às Festas da Cidade imprimir relêvo e imponência.

A reconstituição histórica do voto de D. João I a Nossa Senhora de Oliveira, a entrada do rei em Guimarães com o seu luzido séquito, eis em esbôço um número de efeito grandioso.

A evocação das fases de actividade agrícola e industrial de Guimarães através dos séculos, constituiria também um número que além do seu aspecto festivo, encerraria uma lição de cultura, conforme preconizamos.

E porque não estudar também as possibilidades da representação de um auto de Gil Vicente ao ar livre, junto às Torrões do Castelo?

Isto não seria uma imitação da representação de um auto que Braga projecta incluir no programa das suas Festas; mas apenas, aproveitando tam excelente oportunidade, cumprir o dever que nos assiste de consagrar Gil Vicente na hora da passagem do seu centenário.

A inclusão dêste número, patriótico, artístico, cultural e bairrista, tornaria as Festas da Cidade mais grandiosas e retumbantes.

O que urge é não perder mais tempo, para que as Festas da Cidade sejam a consequência de um plano cuidadosamente estudado e executado, com critério e mestria.

Nada de trabalhos à lufa-lufa ou improvisações de momento.

E assim, fazendo ouvidos de mercador às vozes dos derrolistas, às imposições estultas, seremos dignos do nome de vimezanenses.

A'vante por umas Festas da Cidade em novos moldes, subordinadas às características locais!

Queríamos saber por dever de officio somos leitores forçados do *Notícias de Guimarães* e nesta qualidade julgamos também feita a nós esta pergunta:

— «Sois leitores do *Notícias*? Acompanhai-o com o vosso auxílio até à hora da Redenção que se aproxima.»

Como ignoramos que Redenção é aquela cuja hora se aproxima, e não nos recorda que o *Notícias de Guimarães* a tenha anunciado previamente aos seus leitores, queríamos saber para o acompanhar e auxiliar, em boa camaradagem, se fôr a bem da terra nossa e da nossa gente.

Mas, em caso contrário, tenham os leitores do *Notícias de Guimarães* boa cautela porque isto de acompanhar e auxiliar o desconhecido, ou melhor o conhecido mas propositada e cautelosamente *encoberto*, sobretudo nas últimas semanas em que olhos atentos vão lendo as linhas e as *entre linhas* do que se escreve e publica no *Colega*, pode ter consequências desagradáveis.

Aqui fica o aviso, com o pedido de esclarecimento, que certamente o *Notícias de Guimarães* terá o maior empenho em dar aos seus leitores, e nós ficamos aguardando.



Completamos hoje a definição de «conservador», «homem de regra» do ilustre escritor conde de Aurora.



Ao homem de regra deve-se o chalet do Bom Jesus, de Palmeira e das Taipas. Qu' importa — se o telhado é de regra para as fortes nevadas, alpinas ignoradas da nossa geografia? E' uma regra.



Em regra geral, o *Homem da Regra* é conservador e católico — como regra.

Confessa-se uma vez por ano — por regra — e já de há muito se persuadiu que a cartilha manda «confessar e comungar só uma vez por ano»...



O conservador — por regra — vai regradamente ao botequim discutir imbecilmente política.



# VIDA CATHÓLICA

## ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICA VIMARANENSE

No passado domingo realizou-se a Missa Estatutária desta Colectividade Vimaranense, em sufrágio dos seus associados falecidos, tendo assistido a Direcção e grande número de sócios.

No final e na sua Sede foi feita a distribuição de esmolas pelas viúvas pobres dos associados.

No passado domingo a Missa Mensal da Pia Associação dos Amigos do S. Coração de Jesus, foi celebrada pela alma do associado falecido sr. Tomaz Fernandes.

Assistiram a este piedoso acto muitos associados e pessoas de família do extinto.

Na paróquia de S. Sebastião realizaram-se Preces na passada segunda, terça e quarta-feira, implorando de Deus a sua Protecção para que termine esta quadra invernal que acêrca de 4 meses nos vem afligindo, levando a fome a muitos lares.

Estes actos foram muito concorridos de fiéis.

Na próxima sexta-feira principiam no templo dos Santos Passos as conferências quaresmais, que este ano serão prégadas pelo ilustre orador sagrado rev.<sup>m</sup> Marcelino da Conceição, Reitor da Ordem da Trindade do Pôrto.

Como nos anos anteriores as conferências realizar-se-ão às 20 e meia horas.

No próximo domingo, 1 de Fevereiro, principiam na Igreja da V. O. Terceira de S. Francisco, os sermões quaresmais, sendo prégador o ilustrado orador sagrado rev.<sup>m</sup> padre Domingos Bastos (Santa Cruz), redactor principal do nosso colega bra-carenses *Diário do Minho*.

Estes sermões realizar-se-ão pelas 16 horas, como de costume nos anos anteriores.

Amanhã realiza-se na paróquia de S. Sebastião a Comunhão Mensal das crianças da Catequese, desta freguesia.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## Domingo da Quinquagésima

### Jesus prediz a sua Paixão

Evangelho (S. Lucas, XVIII, 31-43):

*Tomou Jesus à parte os doze apóstulos e disse-lhes: «Eis que vamos para Jerusalém e tudo o que está escrito pelos profetas acêrca do Filho do Homem será cumprido: será entregue aos gentios, será escarnecido, açoutado e cuspido. Depois de o açoutarem tirar-lhe-ão a vida e êle ressuscitará ao terceiro dia.»*

*Mas os apóstulos nada disto compreenderam. Este discurso era para êles um segredo e não penetravam cousa alguma do que nêle se lhes dizia. Sucedeu, porém, que quando Jesus ia chegando a Jericó, estava sentado junto da estrada um cego pedindo esmola; o qual, ouvindo o tropel da gente que passava, perguntou que era aquilo. Responderam-lhe que era Jesus Nazareno que passava. E êle se pôs logo a bradar, dizendo: «Jesus, Filho de David, tem piedade de mim». E os que iam adiante repreendiam-no para que se calasse. Mas êle cada vez gritava mais: «Filho de David, tem piedade de mim». Então Jesus, parando, ordenou que lho trouxessem. E, quando êle chegou, fez-lhe esta pergunta: «Que queres tu que eu faça?» Respondeu: «Senhor, que eu veja». E Jesus disse-lhe: «Pois vê; a tua fé te salvou». E êle imediatamente ficou com vista e o foi seguindo, louvando a Deus. E todo o povo, assim que isto presenciou, deu louvor a Deus.*

### Considerações:

Nas vésperas da quaresma, tempo de penitência e oração, tempo de recolhimento e meditação, a Santa Igreja chama à atenção de seus filhos para a Paixão do Senhor, para que detestem o pecado, causa única dos sofrimentos de Jesus e para que aprendam a sofrer como Ele sofreu. E' impossível ver Jesus tratado como um louco, espelhado como um verme, cravado numa cruz e ter a ousadia de pecar.

E' impossível olhar para o Inocentíssimo Jesus, chagado dos pés à cabeça e nada querer sofrer por amor dêle.

Se tivéssemos meditado na Paixão de Jesus Cristo, certamente não teríamos a lamentar tantas quedas na nossa vida, não teríamos cedido tam facilmente ao tentador, que nada sofreu por nós e a todo o custo nos quer precipitar no inferno.

Mas na meditação da Paixão de Nosso Senhor não encontramos somente um obstáculo ao pecado, encontramos também lenitivo para as nossas dores, bálsamo para as nossas feridas, alívio para os nossos males. E' Santo Agostinho que o diz: «Se tivermos cuidado em meditar muitas vezes na Paixão do Senhor, não há sofrimento que não estejamos dispostos a suportar.»

Nestes dias de carnaval, de loucura desenfreada em que tantos cristãos calcam aos pés as promessas solenes do seu baptismo, em que tantos até se esquecem da sua dignidade de homens, vamos muitas vezes com o nosso pensamento até ao Calvário, porque o Calvário, disse alguém, é a revivência dos Santos. Aí veremos o que custou a nossa alma a um Deus, aí veremos a malícia do pecado, aí aprenderemos a sofrer, a amar a Cruz, o caminho do Calvário e é este caminho que leva ao Céu.

## QUARENTA HORAS

Na Igreja da Misericórdia, servindo de paróquia da freguesia de S. Paio, principia no domingo, 23, a Solenidade e Tríduo das Quarenta Horas, que constará do seguinte:

Domingo — Missa cantada às 9 e meia, com exposição do SS. no fim e Ladainhas;

Segunda-feira — Missa votiva da Paz, às 9 horas;

Terça-feira — Missa votiva do SS. Sacramento, às 9; nestes três dias, os sermões são às 5 da tarde, precedidos de Actos de Adoração e Desagravo.

O SS. Sacramento estará todos os dias, desde manhã, solenemente exposto à veneração dos fiéis que acorrerão, por certo, a prestar ao Divino Prisioneiro as suas homenagens de amor e reparação.

Em todas as Igrejas paroquiais realiza-se na quarta-feira, imediatamente antes das Missas, a simbólica cerimónia da bênção e imposição das cinzas.

## A' SOMBRA DA CRUZ

Fernando da Costa Freitas

Escritor de aprimoradas qualidades literárias, carácter nobilíssimo, a sua morte causou geral consternação.

Na *Revista de Guimarães* deixou numerosos trabalhos da sua lavra, sendo justo destacar «Guimarães há trinta anos», expressiva evocação das costumeiras cotidianas da gloriosa pléiade dos vimaranenses de «antes quebrar que torcer».

O saúdoso finado contava 66 anos e era filho do ilustre vimaranense dr. Avelino Germano da Costa Freitas.

O seu funeral, muitíssimo concorrido, sentida manifestação de pesar, realizou-se no dia 16, pelas 11 horas, na igreja de S. Francisco.

A' viúva do extinto, ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Luciana Barroso da Costa Freitas e demais família, apresentamos as nossas sentidas condolências, pelo passamento de tam ilustre e íntegro varão.

Confortada com os últimos Sacramentos faleceu a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Soares Guimarães, extremosa espôsa do sr. João Soares Guimarães.

Apresentamos à família dorida os nossos sentidos pesames, e rogamos aos leitores piedosos uma prece pela extinta.

## CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

Alcateia n.º 4 (D. Afonso Henriques) — No próximo domingo a formatura será às 7 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> horas, para se assistir à Santa Missa.

Em seguida, se o tempo o permitir, haverá o costumado passeio ao campo.

Grupo n.º 6 (S. Dâmaso) — A formatura no próximo domingo será às 7 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> horas.

Fizeram exame de 3.<sup>a</sup> classe ficando aprovados os escutas seguintes: Mota, Mesquita, Gabriel, Salgado e José Maria.

## Dinheiro

Empresta-se sôbre 1.<sup>a</sup> hipoteca.

Nesta Redacção se diz.



## “O Berço da Grei,,

# DUAS MENTALIDADES

## A' MARGEM

Referiu-se em calorosas palavras de incitamento e gentis referências de aprêço à publicação do nosso jornal, o valoroso colega *Notícias da Beira*, quinzenário de Mangualde.

Retribuimos os desejos de prosperidade e agradecemos a honra que nos proporcionou, transcrevendo a nossa secção de linguagem « Não diga assim... Diga antes... »

De o *Novo Rumo*, de Vila do Conde, arquivamos e agradecemos:

«Deu-nos a honra da sua visita, o intemerato semanário Nacionalista que recentemente se publica na cidade de Guimarães.

O *Berço da Grei* é um dos semanários mais combativos e bem feitos, dos que se publicam na província.

Ao novo colega desejamos uma carreira cheia de triunfos em prol do Estado Novo, que com tanto brilho e dedicação vem defender e servir.»

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director  
de *O Berço da Grei*:

A leitura da proposta camarária de 22 de Novembro de 1934, transcrita no n.º 4 do semanário que V. Ex.<sup>a</sup> proficientemente dirige, sugeriu-me umas considerações que, caso veja nelas algum vislumbre de lógica e bom senso, pedia a fineza de lhes dar publicidade.

Segundo essa proposta é desejo da Câmara que o monumento glorificador dos Heróis da Grande Guerra traduza nas suas linhas gerais um sentido claro, expressivo **de amor e paz entre os homens.**

Em face deste pensamento, expresso em proposta que ainda se conserva de pé, depreende-se que a *maquette* do mestre insigne Henrique Moreira é rejeitada pelo Município, pois a atitude bélica do soldado e do marujo traduzem um pensamento de guerra. Não será assim?

No momento em que a comissão pro-monumento segundo o projecto traçado pelo sr. Capitão Duarte Fraga e executada pelo escultor Henrique Moreira vai iniciar os seus trabalhos, como vimaranense e assinante, pedia-lhe um ligeiro esclarecimento sobre a atitude da Câmara.

De V. Ex.<sup>a</sup>  
at.<sup>o</sup> ven.<sup>or</sup> e obg.<sup>o</sup>

UM LEITOR.

N. da R. — Segundo nos consta a Câmara, perfilhando um parecer da Comissão de Estética, vota pelo concurso.

Embora te acobardes na capa da neutralidade política — usando e abusando das entrelinhas, sentidos dúbios, das reticências e da prosa chocarreira, grosseiro materialista e liberal — eu conheço-te; já pus a descoberto o teu passado, o teu presente e o teu futuro-presente!

Hei-de desmascarar-te, prender-te ao pelourinho da ignomínia. Foste apregoado com as palavras **liberdade, igualdade e fraternidade...** palavras sem sentido, que hoje são o teu dobre de finados!

### Liberdade!!

Mas liberdade de quê? Liberdade em absoluto? Mas o absoluto não existe fora de Deus; assim, estes maduros, querem transformar em realidade o irrealizável; que conceito terão de liberdade?

Será a liberdade que amarra o homem à tirania das clientelas partidárias?

Será a liberdade de oferecerem ao país a guerra civil periódica? Será a liberdade de transformarem num caos o Mundo?

### Liberdade de quê? Liberdade para quê?

Porque, ainda hoje, se ouve o grito «viva a liberdade», palavra que nada significa e nada vale?

Eu sei. E' que eles empregam-na exactamente — porque uma palavra vaga dum mito sempre distante — para estabelecer a confusão no espírito ingénuo do povo, para o explorar melhor.

### Liberdade?!

Liberdade de se fazerem 20 revoluções em menos de 12 anos, não contando vários tumultos?

Liberdade de se fazerem escândalos, com a venda das condecorações, a questão dos navios alemães no Tejo, as numerosas traições da guerra, etc., fora os que as chamas abafaram?

### Liberdade?!

Liberdade de assassinar — cobardemente, ao virar da esquina — pela mão do ódio e ao serviço da paixão política — os chefes D. Carlos, Machado dos Santos, Carlos da Maia, Sidónio Pais, etc.?

A lista é grande: Coronel Celestino da Costa (morto no quartel), Padres Barros Gomes e Fragues (em casa), Comandante Assis Camilo (morto a bordo), Presidente Sidónio Pais (morto na estação do Rossio), Capitão Jorge Camacho (no Terreiro do Paço), etc., etc.

### Liberdade de Imprensa?

Mas os assaltos aos jornais da ordem, eram, quasi permanentes!

### Liberdade — mas qual liberdade?

— A das prisões e deportações em massa; a de assaltar as associações de classe; a de assassinar ao dobrar de esquina; a de deitar bombas; a de organizar formigas brancas e fomentar lutas de classe?

### A liberdade de assassinar a Nação?

### Liberdade?!

Mas *liberdade*, «essa liberdade, intolerante para todas as liberdades», essa liberdade dos **pacifistas** provocadores de guerras, da paz bombista e dos atentados, essa liberdade o que é?

«Olha: — não vês, além, aquela campa raza?...

Era um republicano e um justo da verdade.

Mataram-no, porquê? — Por ter um Cristo em casa!...

— E' esta a Liberdade!»

(Continua na 8.<sup>a</sup> pagina)

O **burguês** é o homem prodígio: «era ele que durante a Grande Guerra dizia que os ingleses podiam fazer uma ponte de barcos através do canal da Mancha — é ele que a gente se enoja de ouvir asnejar sobre italianos e abexins (ele é etiope, é claro) — é ele, finalmente quem faz com que as contribuições aumentem e os ordenados diminuam: pois nunca ele pagará demais, nunca ele receberá de menos?!»



**Foram** solenemente inaugurados por Hitler, os jogos olímpicos de Inverno.

Concorreram além de algumas dezenas de desportistas alemães 25 nações estrangeiras.



O **desporto** é um dos meios mais importantes de cultura física: desenvolve o físico e educa o intelectual, dando-lhe noções de camaradagem, cooperação, disciplina e vontade. Falo no desporto como meio de educação, não no que na generalidade vemos, por aí que é de deseducação.



Este **problema** — o desporto — tem merecido de todos os **Governos Fortes** uma atenção especial: é que — já na Grécia antiga assim era —, como acabamos de dizer, o desporto bem orientado é um dos factores mais importantes para o alevantamento dum povo: o desenvolvimento físico é a base do desenvolvimento mental, quando regrado, harmonizado com este.



E' bem conhecido o lema: «**mens sana in corpore sano**». Todo o desporto deve ser orientado como um meio de cultura física, mas nunca prejudicando o intelectual e o moral — a cultura mental — antes pelo contrário, auxiliando-a.

## QUINTAS

Vendem-se as quintas de Frijão e Souto de Ribas, sitas na freguesia de Corvite, do concelho de Guimarães.

Tem casa boa de senhorio, terrenos de cultura e de mato.

Trata o solicitador Augusto Silva.



# PROCESSOS JORNALISTICOS UM PROJECTO GRANDIOSO

E' não só curioso mas sobre-  
modo edificante o contraste que  
o *Notícias de Guimarães*, nos  
apresenta no seu último número.

Realmente procura assentar as  
suas ideias na *progressividade e  
boa razão*, mas vício antigo, de-  
turpa, calunia, malsina intenções  
e factos ao sabor das suas con-  
veniências políticas.

## Arma branca

Diz o articulista que *jamais  
procuraremos aprender a manejar  
qualquer arma branca*, referin-  
do-se é claro a si e aos seus co-  
legas da Redacção.

Como até agora ninguém os  
acusou de tal manejar escusada  
era a sangria em saúde. Do que  
os acusamos é de usarem pro-  
cessos jornalísticos, pouco di-  
gnos e até pouco honestos. E  
como não acusamos sem provas,  
temos nesse mesmo número úl-  
timo,

## a Nota officiosa

da Comissão Administrativa da  
Câmara:

1.º esclarecendo o caso das  
obras «ali... na rua das trinas»  
«que o *Notícias de Guimarães*  
maliciosamente envenenou»;

2.º esclarecendo a alteração  
feita quanto ao Pelouro das  
obras que o *Notícias de Gui-  
marães* viu pelo prisma do seu  
rancor para com o vogal sr. A.  
L. de Carvalho, quando afinal a  
alteração feita apenas beneficiou  
os trabalhos da respectiva repar-  
tição, sem que o facto represente  
desprimor, censura, ou menos  
consideração pelo Vereador res-  
pectivo.

## Depois disto

e do mais que está para vir...  
pode o *Notícias de Guimarães*  
clamar quanto quizer a sua ingé-  
nua intenção de apenas se pre-  
ocupar com os interesses de Gui-  
marães. Não nos parece que seja  
defender os interesses da cidade  
e do concelho dar notícias ten-  
denciosas com comentários de  
segundo sentido a atingir, antes,  
procurando atingir actos e pes-  
soas que estão bem acima de  
tais processos jornalísticos.

## 5 perguntas

Na 1.ª e 2.ª colunas da 2.ª pá-  
gina do n.º 211, do ano 5.º do  
dia 16 de Fevereiro de 1936,  
pergunta o *Notícias de Guima-  
rães*: «se Leonardo Coimbra foi  
politicamente um *cosmolábio* dos  
partidos?»

Abertamente respondemos:

Se o *soltista* do *Notícias de  
Guimarães* sabe a significação do  
termo *cosmolábio* — como é na-  
tural que saiba —;

se os partidos políticos *mes-  
mo em sentido figurado* podem  
ser considerados como astros;

se, dado mas não reconhecido,  
os partidos políticos, *mesmo em  
sentido figurado*, têm alguma in-  
terdependência com a *cosmolo-  
gia*;

Leonardo Coimbra de facto  
«foi um *cosmolábio* dos parti-  
dos»: Instrumento de alto valor  
intelectual e moral que mediu  
com precisão a altura dos vários  
partidos políticos *desde a extre-  
ma esquerda, nas fileiras do anar-  
quismo revolucionário* como afir-  
mamos.

## Alma sedenta de luz

êle viu, no esforço grande e  
operoso dum estudo aturado e  
consciencioso, a insatisfação que  
os ideais porque sucessivamente  
foi lutando lhe não enchiam o  
vácuo que cada vez melhor ia  
conhecendo; êle em ânsias de  
uma claridade primeiro apresen-  
tada nublosamente e pouco a  
pouco irradiando límpida no seu  
espírito gentilissimo, foi, sem  
pressas que podiam ser-lhe inse-  
guras e conducentes a êrro,  
abraçando essa luz, vivendo para  
ela, procurando-a mais e mais e  
melhor.

## Desiludido

dos sistemas filosóficos e políti-  
cos que abraçara e servira, pelos  
quais sacrificara anos e anos de  
vida, de canseiras, de trabalho,  
de carreira e de dinheiro; êle  
que era bom, naturalmente bom,  
não sem que soubesse muito  
bem que a abjuração de uma  
longa vida de actividade cientí-  
fica, literária e política, havia de  
servir para que os plúmivos da  
ciência e da política extravazas-  
sem o seu ódio — êle sabia bem o  
que aconteceu com Gomes Leal  
e com Guerra Junqueiro —; êle  
superior às maldades humanas,  
não podendo contar com a mor-  
te tam próxima num desastre,  
não vacilou: — depois de desfei-  
tas as suas últimas dúvidas de  
filósofo e de homem de ciência,  
converteu-se ao catolicismo.

## Esta conversão

tornada pública, após o desastre  
como foi recebida?

Não queremos entrar em mais  
comentários. O próprio *Notícias  
de Guimarães* deu antecipada-  
mente a resposta.

E nós dando apenas resposta  
à sua primeira pergunta termi-  
namos dizendo ao *Notícias de  
Guimarães*:

A memória de Leonardo Coim-  
bra é para nós tam sagrada hoje  
como o fôra se êle morresse  
antes de se ter convertido.

De há muito vinhamos seguin-  
do a sua evolução filosófica e  
política, interessando-nos muito  
mais o seu aproximar da dou-  
trina católica do que a sua orien-  
tação política.

E quando recebemos a notícia

O sr. tenente José Gonçalves,  
distinto vereador da Câmara Mu-  
nicipal de Viana do Castelo prop-  
ôs à Comissão Administrativa  
de que faz parte a construção  
dum monumento no Monte de  
Santa Luzia, destinado a perpet-  
uar o Estado Novo.

Este monumento, que se de-  
signará provisoriamente, por Pá-  
tria Renovada, consistiria:

Na construção de uma esca-  
daria monumental que ligasse a  
cidade de Viana do Castelo com  
o Monté de Santa Luzia.

Na extremidade da escadaria  
que terminasse na cidade seria  
construído um arco triunfal en-  
cimado pelo símbolo da Pátria.

Na extremidade oposta seria  
construído um arco triunfal, que  
teria nas bases uma figura alu-  
siva a cada um dos nossos do-  
mínios de além-mar, e seria en-  
cimado pelo símbolo do Império.

Na escadaria monumental cons-  
truir-se-iam monumentos alegó-  
ricos:

A's Finanças restauradas;

A' economia organizada;

Ao Estado Corporativo;

A' Reorganização da Marinha  
de Guerra. A' Reorganização do  
Exército, etc.

Num local e dominando todos  
estes monumentos, seria erigida  
a estátua do sr. dr. Oliveira Sa-  
lazar. Na montanha e em luga-  
res convenientes, erigir-se-iam as  
estátuas de Gomes da Costa e  
Carmona, e, dominando todos  
estes ficaria o monumento sim-  
bolizando o Esfôrço da Raça.

Das judiciosas considerações  
justificativas da proposta, respi-  
gamos as seguintes frases:

Foi aqui, na provincia do Mi-  
nho, que nasceu a nacionalidade  
portuguesa.

Foi ainda, aqui, na provincia  
do Minho, que a Nação exausta  
e descrente renasceu para a vida  
à voz de todo um povo que en-  
controu no prestigioso Marechal  
Gomes da Costa o instrumento  
providencial dos seus desígnios.

E como há oito séculos, os  
novos legionários da Pátria fo-  
ram de abalada por êsse país

confrangedora do desastre e a  
gravidade dos ferimentos sofri-  
dos, ao nosso pensamento veio  
uma dúvida. Perante esta dúvi-  
da procedemos, não só particu-  
larmente como vimos que era  
nossa obrigação, mas em mais  
de um acto essa obrigação cum-  
primos.

E agora, que como piamente  
cremos, Leonardo Coimbra está  
na posse da Eterna Luz, é ainda  
honrando a sua memória, que  
sobre o assunto queremos deixar  
em paz o *Notícias de Guimarães*,  
não respondendo ás outras pre-  
guntas.

EUGÉNIO VAZ VIEIRA

fora, para impor a suprema von-  
tade da nação.

Esse ímpeto vigoroso teve a  
virtude de emancipar Portugal  
de exóticas ideologias, e o Esta-  
do Novo tem que levar até ao  
fim essa árdua batalha em que  
se encontra empenhado.

Queremos libertar os transvia-  
dos de tudo o que seja anti-na-  
cional.

O Estado Novo, como sistema  
político deve espiritualizar-se, e  
a construção do monumento já  
referido, no Monte de Santa Lu-  
zia, ficará completamente justifi-  
cada se disser que o monte, reü-  
ne todas as condições necessárias  
que justificam a construção ali  
do Monumento.

O país ficaria assim enqua-  
drado entre monumentos repre-  
sentativos de figuras e de acon-  
tecimentos de excepcional relêvo  
na vida nacional.

Ao sul, o monumento do in-  
fante D. Henrique, a alma genial  
das Descobertas, no promontó-  
rio de Sagres.

Ao norte, o monumento «Pá-  
tria Renovada», sobranceira à ci-  
dade.

Um e outro dominando o mar,  
êsse mesmo mar que foi todo o  
vasto campo de vitoriosas bata-  
lhas dos nossos antepassados,  
êsse mesmo mar que tantas ve-  
zes juntou os seus rugidos aos  
rugidos de tantos dos nossos  
heróis, que nêle encontraram  
majestoso e condigno túmulo.

Infante de Sagres e Estado  
Novo: eis duas épocas que são  
duas legendas; eis duas páginas  
brilhantes da nossa História, que  
orgulhosamente podemos ofere-  
cer à contemplação dos estran-  
geiros que nos visitam.

Os trabalhos dêste monumen-  
to, condigno do esforço de re-  
novação nacional do Estado, se-  
riam subsidiados por todas as  
Câmaras do país, Juntas gerais  
do Distrito, comparticipação do  
Estado e pelo povo português  
residente em Portugal e nas  
Américas.

E' indicado o prazo de 5 anos  
para a sua execução.

## SOCIEDADE

Cumprimentamos nesta cidade,  
na segunda-feira pretéria, o dis-  
tinto delegado do Instituto Na-  
cional de Trabalho, sr. dr. Hen-  
rique Cabral, que a esta cidade  
vem tratar com os presidentes  
dos Sindicatos, de assuntos coope-  
rativistas.

### ANIVERSARIOS:

Dia 19 — Maria dos Prazeres  
Ribeiro Vilas. — Dia 20 — Padre  
José Ferreira Leite. — Dia 23 —  
D. Maria Arminda do Amaral  
Machado e Manuel Joaquim da  
Cunha. — Dia 28 — Francisco de  
Assis Costa Guimarães.



# C O R P O R A T I V I S M O

## OS "AMIGOS DOS TRABALHADORES"

Quando penso que os trabalhadores em Portugal nunca foram ouvidos nas suas justas reclamações e que foram sempre lançadas ao mais absoluto desprezo as suas queixas;

— quando penso naquele tempo em que havia o direito à greve e nós iamós parar à cadeia ou ao hospital, por impedir que camaradas nossos traissem os movimentos;

— quando penso finalmente que fomos míseros degraus daqueles que, para nos ludibriar punham ante os nossos olhos o cartaz vistoso da Liberdade, Igualdade e Fraternidade;

— quando penso em tudo isto e ouço os «bem instalados na vida» fazerem a apologia desse passado de miséria e de crápula, sinto vontade de perguntar a esses senhores, com que direito é que eles — que já lá estiveram e que nada fizeram por nós — tentam atravessar-se no nosso caminho?!

Com que direito estes *comunistas elegantes*, armados em «sabichões» evocando a cada passo frases de filósofos — sem muitas vezes os conhecerem — atacam a obra de Salazar?

Como me faz rir a sua cobardia. Como me fazem rir as suas atitudes de pontífices à mesa do café, rodeados de meia dúzia de imbecis, ouvindo da sua bôca a crítica sempre facciosa da obra de ressurgimento de Portugal!

São dignos de pena, mas me tem nojo.

Numa agonia violenta, de rancores e ódios o «revirinho» conjuga neste momento todas as suas forças para, pela intriga e pela infâmia — pois não procede doutra maneira, desacreditar Salazar.

E o mais revoltante ainda é que, junto deles, a colaborar nos seus jornais, muitas vezes mascarados de regionalistas — quando na verdade o seu fito é outro, estão pessoas que ainda há bem pouco tempo se bateram contra eles. Não, senhores!

Jôgo franco, cartas na mesa. Quem não é por nós é contra nós.

Quem ataca a obra de Salazar ataca-nos a nós os trabalhadores, pois que éramos as primeiras vítimas se a sua derrota se desse.

Tivemos sempre fome de justiça e justiça nos está sendo feita.

Ansiavamos por quem nos defendesse do despotismo do mau patrão que o liberalismo criou, e já temos quem nos defenda. Lutamos sempre pela Previ-

## ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O CORPORATIVISMO EM PORTUGAL

Não é raro ainda, à mais, já, de dois anos, sobre a publicação do Estatuto Nacional do Trabalho, ouvir dizer-se que o corporativismo não tem, em Portugal, tradição de que, a sério possa valer-se. Mais nam-se assim, uma obstinação digna da maior censura as intenções alevantadamente patrióticas do Estado Novo.

E' que, quando Salazar, sentindo, compreendendo, o anseio de todos nós, e vista a situação a que um século de demo-liberalismo tinha conduzido o país e com êle as classes trabalhadoras, quis procurar na organização corporativa o equilíbrio estável que garantindo a continuação da sua formidável obra fomentasse a justa defesa de todos os órgãos da sociedade portuguesa não faltou quem, na guerra-surda com que se tem pretendido atingir-nos afirmasse as mais disparatadas cousas.

Dum lado acusaram-nos de vir, forçadamente, intrometer na vi a nacional processos e costumes que não estão na nossa índole, que não vivem na nossa tradição, que mais não são que cópia servil do estrangeiro. Do outro, quiseram descobrir, em nós, o processo anacrónico de restaurar com suas normas sábias, mas só ao seu tempo ajustadas, o regime da Casa dos 24.

Evidentemente nem uns, nem outros tinham razão.

Nós vimos dum seculo em que a «livre concorrência por si mesma se destruiu, em que a hegemonia económica, a desenfreada ambição do predomínio que sucederam, respectivamente à liberdade do mercado e à ânsia desmedida de lucros», puseram, de mal, capital e trabalho. Precisavamos de regular toda a vida social de forma a darmos fim, de vez, aos últimos redutos do liberalismo, mas, também, acautelarmo-nos contra os excessos

dência e já há camaradas nossos que gozam dos seus benefícios.

Portanto temos de vos classificar nossos inimigos. A luta tem de se travar — por Salazar ou contra Salazar — Tirai a máscara se podeis, não vos escondais no regionalismo — trincheira cómoda para se atingir certos fins — e sede francos.

Senão terei de vos dizer, como em certa quadra do ano: «Já te matei!»

A. M.

I

perniciosos do socialismo e do comunismo, filhos dilectos e quasi gémios do liberalismo.

Tinhamos de combater o conceito errado do socialismo revolucionário, que diviniza o trabalhador mas despreza e rebaixa, fundamentalmente o trabalho.

Tinhamos de declarar guerra aberta a esse egoismo feroz que deu a todos quantos mourejam o sentido de que devem trabalhar o menos possível e tirar do trabalho a maior soma de prazer.

Chegara-se, mesmo, a criar o pensamento, que em certo momento da nossa vida social foi dominante, de que o trabalho era uma mercadoria que o trabalhador monopolizava e que devia vender o mais caro possível para que o salário fôsse imposto pelas possibilidades que o operário tinha para impor. E uma delas, a mais prática, era fazê-lo rarear, como o açambarcador podia fazer rarear qualquer outra mercadoria.

Nenhum outro ponto de vista moral ou nacional entrava em linha de conta, porque o operário nenhuma consideração devia ter pelas outras classes que eram tidas como o seu inimigo.

E havia vários meios de fazer render este inimigo, desde a greve de classe, à greve geral, à greve revolucionária.

Para nós nacionalistas, para nós trabalhadores, o trabalho não pode ser uma mercadoria, porque é um dever social que como todos os deveres sociais dignifica, enaltece, nobilita.

Tanto trabalha o filósofo, como o professor, o carpinteiro como o pedreiro e fazendo-o, todos se dignificam moralmente. Ao envés degrada-se inferioriza-se, o que foge ao cumprimento dos seus deveres para com a sociedade, o que foge à suas obrigações de trabalho.

OSCAR PAXECO.

## Nos nossos colaboradores

Pedimos aos nossos apreciados colaboradores, a fineza de nos enviarem o original até segunda-feira à noite, a fim de ser possível a sua publicação no número do jornal a que se destina.

## Sindicato N. dos Operários da Indústria Têxtil

Em sessão ordinária, reuniu a direcção deste Organismo Corporativo sobre a presidência do sr. António F. Leiras.

Apreciou em primeiro lugar uma circular enviada pelo Sub-secretário do I. N. de Trabalho e Previdência e em seguida apreciou um officio enviado pela Delegação em Braga do Instituto N. de Trabalho e Previdência, sobre um requerimento da firma Joaquim Marques Rodrigues de S. Martinho de Candoso, em que pede autorização para trabalhar com um 2.º turno de fiação, com pessoal diferente.

Admitiu para sócios do Sindicato mais 159 candidatos, sendo 57 do sexo masculino e 102 do feminino.

Decidiu também que, no próximo domingo, se deslocassem a Fafe e a Delães (Famalicao) dois delegados da direcção do Sindicato, a fim de naquelas duas localidades proceder a diligências para a formação de duas secções deste organismo.

Deliberou officiar ao Sindicato da Indústria Têxtil do distrito do Porto, a fim deste organismo providenciar sobre sucessivas irregularidades que se estão cometendo em transgressões do horário de trabalho nas firmas: Joaquim Pinto & Filhos do concelho de Felgueiras que trabalha 10 e 12 horas por noite, e na «Flor do Campo» de S. Martinho do Campo, concelho de Santo-Tirso.

Por fim resolveu, tomar enérgicas providências sobre diversas queixas apresentadas por alguns associados sobre algumas fábricas que continuam transgredindo o regime das horas de trabalho. São elas: Têxtil Vize-lense, situada no lugar da Fábrica de Baixo, da freguesia de Moreira de Cónegos, que quasi diariamente trabalha 10 horas e meia, desrespeitando ainda o descanso semanal, quasi todos os domingos trabalhando operários.

A Fábrica de Fiação e Tecidos de Macavio, situada próximo ao apeadeiro de Atainde, freguesia de Lordêlo, onde um seu 2.º turno da fiação trabalha 10 e 12 horas por noite sem terem o menor tempo para qualquer refeição.

Recebeu também uma queixa de associados de S. Martinho de Candoso, onde uma pequena fábrica de quatro teares manuais de José Rodrigues, daquela freguesia e do lugar da Deveza, constantemente transgride o horário de trabalho.

No final foi resolvido reunir novamente no próximo sabado, à mesma hora.



# IN HOC SIGNO

## EDUCAÇÃO

### O Crucifixo nas Escolas Primárias

Cristo foi o maior mártir da Humanidade, ainda que não seja considerado se não debaixo do ponto de vista filosófico. O código da moral de Cristo é o mais completo de todos os tempos. Pode dizer-se que a moral cristã é o resumo das morais anteriores. E' verdade isso. Mas quem soube dar a essas morais uma orientação nova era, pelo menos, um grande filósofo e um grande moralista.

Cristo não era um erudito. Era um grande sentimental. De tal maneira sentimental, que deu a vida até pelos seus inimigos.

Não quero referir-me agora ao que havia de sobrenatural em vulto de tam grandes proporções. Mas desejo notar que mesmo entre os ímpios ilustrados não é difícil encontrar quem reconheça no mártir do Gólgota o mais reformador dos costumes humanos em todos os tempos.

O Cristianismo, a religião mais bem organizada de todas, ainda que não fôsse senão pela sua organização, tinha direito ao respeito das gerações que se vão sucedendo.

Está provado que quem governa o mundo são as grandes organizações.

Os ideais que a elas dão causa e os organizadores com razão devem ficar marcados na história como marcos bem salientes na evolução social humana.

Os críticos, às vezes insensatos, que criticam tudo, não têm autoridade de ordem nenhuma.

A crítica excessiva é uma doença.

Vem isto a propósito de o Crucifixo ir ser colocado nas escolas primárias.

Os crentes conscientes e os descrentes sensatos devem contentar-se, por enquanto, com isto. Bem sei que entre os professores primários alguns haverá que se remordam de raiva por verem atrás de si, em sítio bem vistoso, o Crucifixo, símbolo do amor, da educação, do sofrimento.

Pode dizer-se que certas medidas adoptadas pelos governos não podem ter plena execução sem ter sido reformado o pessoal que tem de pôr em prática os grandes ideais.

Isto é certo; mas é também verdade que por algum lado se deve começar.

Cristo no Crucifixo, embora representado aí em proporções humildes, será uma fonte de respeito para os pequeninos e

para o professor. Se este não fôr cristão, terá sobre elle um pesadêlo de muitas atmosferas, que o esmagará na sua pequenez.

Se o professor fôr insensível a esta modalidade de educação, não merece a minha crítica, porque é um indivíduo que já desempenhou, bem ou mal, a função que tinha a desempenhar na sociedade.

Não é que eu não possa criticar, com o possível senso, o que fizeram e o que fazem os que passaram e vão passando por este mundo.

E não me custa acreditar que entre crentes católicos sinceros haja alguns que considerem pequena esta satisfação, do Crucifixo colocado nas escolas primárias, dada à consciência católica de Portugal.

Não têm razão estes nos comentários que fazem sobre este assunto.

Eles, certamente, dormiram a sono solto, quando as ondas alterosas do mar da revolução se faziam temer. Agora talvez quisessem uma reparação completa dos estragos causados à religião. Não há nada completo neste mundo.

Se me dissessem que bom seria que o Crucifixo, simbolo da justiça, devia ser colocado nos tribunais, eu concordaria.

Mas é preciso ir devagar. As grandes obras levam tempo a fazer-se.

Um grande edificio, que se pretende edificar sobre as ruínas do passado, deve ter grandes alicerces. De outra maneira arriscava-se a ser desmoronado por um vendaval forte.

E' preciso educar. Esta obrigação pertence a muita gente.

Até pertence a todas as pessoas, embora isto pareça extraordinário. Cada um, às vezes com um pequeno gesto, pode ser um elemento educativo.

A responsabilidade do descalabro social a que às vezes se chega é de todos.

Ninguém pode livrar-se de responsabilidades, a não ser os irresponsáveis, que neste mundo revólto das paixões humanas nada significam.

Que o Crucifixo paire sobre as cabeças dos mestres e dos alunos, não como ameaça, mas como sinal de paz, de ordem e de trabalho.

ALIENUS.

## EDUCAR...

Seja-me consentido, ainda que tardiamente, saudar no *Berço da Grei*, novo baluarte do Nacionalismo português, paladino intemerato da sã moral, da honra da vida e dos legítimos interesses da cidade e do concelho de Guimarães!

Já havia muito tempo que eu ansiava pelo aparecimento de um jornal assim; e por vezes, manifestei esse desejo a alguns amigos. Porém, perante as dificuldades enormes que uma tal empresa acarretava, tivemos de esperar pelo momento propício, que enfim sempre chegou. E' que um jornal como este fazia uma falta enorme em Guimarães.

Honra, pois, aos ilustres realizadores deste projecto, pelo bem moral e social que vieram trazer ao povo vimaranense! Oxalá os seus adeptos saibam compreender e cumprir o seu dever, auxiliando com o seu apoio moral e com assinaturas, os que aqui trabalham pelo bem de todos, pois que sobre si pesa na sustentação deste jornal, uma responsabilidade pouco invejável! e que só uma grande coragem, firmeza de princípios e valor moral, podem sustentar; e estes predicados não lhe faltam!

Foi com íntimo alvoroço e imenso regosijo, que li a proposta a realizar pelo novo titular sr. Ministro da Educação Nacional, dr. Carneiro Pacheco. O bom acolhimento e os aplausos quasi unânimes que esse empreendimento grandioso tem recebido da imprensa, fazem prever o enorme alcance desta medida salutar, e o bem enorme que ela vai levar à sociedade portuguesa, na educação do povo.

Será desta vez resolvido o grande problema da nossa Educação Nacional? Deus o queira!

Até que enfim, se comprehendem, que de nada valeria ao nosso povo ser instruído, se ao mesmo tempo se não cuidasse a sério da sua educação moral, porque em boa verdade são péssimos os resultados obtidos pela educação sem Deus.

Bem o compreendeu o sr. Ministro, e pelo que consta está disposto a enfrentar esta importantíssima questão com firmeza e denodo!

Teremos, pois, como certa, uma profunda remodelação no ensino da moral, nas escolas, a qual vai ser orientada nos princípios religiosos do catolicismo, pois só nêles pode assentar a verdadeira moral.

Agora que os elementos da Acção Católica iniciaram o com-

## ESTADO NOVO ESTADO CRISTÃO

### O crucifixo nas escolas

Do discurso do cônego Correia Pinto, na Assembleia Nacional:

«O facto de não existir o Crucifixo nas escolas de Portugal não é cousa que possa glorificar ninguém, denunciando, apenas o nosso atraso. Até nisso nós precisamos de acertar o passo. O Crucifixo aparece nas escolas da Itália, da Hungria, da Austria, da Checo-Eslováquia, da Alemanha e em muitas escolas rurais da França, onde ainda o povo fez opposição à sua saída, e o Governo não teve a coragem de o expulsar.

Quanto à Inglaterra, nas escolas propriamente officiais, não existe o Crucifixo, mas existe alguma cousa que vale mais ainda: a educação religiosa é ministrada obrigatoriamente a todas as crianças e tem o professor de explicar à criança a influência que a religião pode ter na vida.

Emfim, o Crucifixo aparece nas escolas do Brasil, da Argentina; aparece no Canadá, Colúmbia e em quasi todas as repúblicas sul-americanas.»

bate em toda a linha contra a desmoralização, terão nos professores católicos novos elementos de combate, e assim poderá a sua acção estender-se e multiplicar-se com melhor e mais apreciável rendimento, por centros onde até agora lhes seria difícil penetrar e caminhar.

Creio, por isso, que o professorado verá com bons olhos esta medida, porque lhe foi favorável em maioria, quando para isso foi consultado haverá um ano; e podemos afirmar, que pelo menos dois terços dos professores de ensino primário são católicos, abertamente bastantes, seguindo outros a norma dos sentimentos das populações com quem vivem.

Só assim se explica, e neles se apoiou certamente o acto formidável do sr. Ministro da Educação Nacional, quando afirmou que vai tomar a ofensiva contra a desmoralização do país! Vinha, pois, a liberdade de os pais católicos poderem educar seus filhos nas crenças que professam, pois para isso sustentam esse ensino com as contribuições que pagam! Acabou-se com essa afronta! O Crucifixo será colocado de novo nas escolas.

JOAQUIM DA SILVA GODINHO.



## A história de um mascarado

Durante anos envolvido em puido dominó, ora adocicando a voz, ora soltando improperios, para aí andou longo tempo mascarado.

Com as raízes da sua ascendência mergulhadas num passado estéril, a predilecção do mascarado ia toda para as gêmas de ovos, tremção grelado e frases de insulto:

Repeliu sempre as atitudes polidas.

Voze amigas tentaram regenerá-lo. Não foi possível.

Carnaval sem pó nem carvão, rejeitava-o, o mísero mascarado!

Pela sombra, pela calada, a coberto da polícia, em voz de falsete, em estilo vago e nebuloso, o mascarado lá ia, urdindo a sua insídia, tecendo a sua calúnia.

Se às vezes alguém o aclarava, citando-lhe o nome e as intenções, danava-se todo, espumava, vociferava e gritava desastrosamente que não! não! não!

Teve sempre medo às responsabilidades.

E desta forma, o mascarado conseguiu andar na companhia de pessoas de bem.

Numa hora de irreflexão, de desatino, deixou escapar palavras denunciadoras das suas pífidas intenções.

Reconhecendo o piso move-dição para as suas habilidades, o meio impróprio para as suas atitudes veladas, contorceu-se e desmascarou-se.

No domingo magro apresentou-se sem dominó, distilando ódio e peçonha, com a fisionomia esverdeada por um sorriso amargo. A uns causou nójo, a outros compaixão, à maior parte repulsa.

A autoridade, porém, zeladora da moral pública, remeteu-o para o tribunal.

Foi este o desfecho da última farsa carnavalesca do mísero mascarado.

## Campanha de auxílio aos pobres no inverno

Sem discursos enramilhados de frases espectaculosas nem expressões de efeito político, o Governo, ao serviço da Nação, pôs em prática a campanha de auxílio aos pobres.

Como os processos são outros! Todos os dias, pelas 11 horas e meia, afluem à Casa dos Pobres, dezenas e dezenas de indigentes do nosso concelho, com as suas marmitas de fôlha, generosamente cedidos pela direcção da Casa dos Pobres, onde as «irmãs», figuras de excelsa beleza moral, entornam as sopas que vão saciar tantos estômagos vazios.

Como seria possível ao governo gastar as avultadas somas que a campanha de auxílio aos pobres

# PRO-HOMENAGEM A GIL VICENTE

**Responde hoje ao nosso inquérito pro-comemoração gilvicentina, o nosso prezado conterrâneo, Sr. Alberto Vieira Braga. Valor de alto relêvo no campo da etnografia nacional, Alberto Vieira Braga, de talento só equiparável à sua modéstia, estava, por imposição da sua valiosa actividade literária, sem reclamos espectaculosos, sobejamente indicado a depor no nosso inquérito:**

... Sr. Director de *O Berço da Grei*.

Veio até mim com as regras do inquérito por deferência, talvez por errada informação, não é verdade?

O que lhe digo, e em consciência, é que não devia ter vindo. Para fazer desandar a roda que muito bem e afinadamente caminha, basta um qualquer atrito. Qualquer palheira de desvio a empanca.

E o meu Amigo não deve querer essa responsabilidade.

Volte, pois, a carrilar a marcha dos competentes, dos entendidos, e não dê conta nem cavaco destas mal notadas linhas de resposta, linhas que mando, mais pelo afinado concerto da boa educação, do que propriamente pela graça da vontade.

Deve, sim, erigir-se uma estátua a Gil Vicente, em Guimarães.

Mas para que a homenagem tenha alevantada significação patriótica e resulte digna, é preciso dar a essa homenagem uma feição declaradamente Nacional.

Só assim se prestará respeitoso culto à memória do *genial precursor do teatro poético peninsular*.

absorve em todo o país, com as finanças desequilibradas, os crónicos déficits?

A Casa dos Pobres da nossa terra, está habilitada a fornecer, por conta da verba destinada a Guimarães, 200\$00 diários, 300 refeições, constando cada, de um litro de sopa e 250 gramas de pão.

Dêste humilde cantinho, em nome de tantos desafortunados, agradecemos ao Governo de Salazar, tam caritativa iniciativa.

Procedendo assim, apenas somos justos, atribuindo a César o que é de César.

### Obra de Assistência

A Comissão Concelhia da Campanha de Auxílio aos Pobres no Inverno, forneceu durante o mês de Janeiro, por intermédio da «Casa dos Pobres», 7.000 sopas, com o respectivo pão, ao preço de \$60 cada, assim distribuídas:

*1 a 20 de Janeiro* — Freguesia da Oliveira, 14 pobres, com 1.400 sopas; de S. Sebastião, 10, 720; S. Paio, 8, 680; Fermentões, 6, 520.

*21 a 31 de Janeiro* — Freguesia da Oliveira, 14 pobres, com 828 sopas; S. Sebastião, 14, 693; S. Paio, 11, 619; Creixomil, 11,

## PEDIBOLA

Vitória, 4      Atlético, 0

Assistência escassa, chuva abundante, futebol irregular, a última tarde de domingo não deixou saudades às pessoas que afluíram ao campo de Benlhevai.

Jôgo aos repêdes, sem nexo nem ligação, os rapazes do Vitória estavam positivamente em maré de azar.

E essa desorientação foi tam intensa, principalmente na primeira parte, que somos levados a supor, como causa desta emburhada, a ausência de A. Augusto.

A primeira parte terminou com o Vitória a ganhar por 1-0.

Na segunda parte os locais carrilaram com mais acerto, elevando o marcador para quatro. A arbitragem regular.

430; Urgezes, 11, 728; Fermentões, 7, 385.

Independentemente destas sopas, a «Casa dos Pobres» forneceu aos seus pobres inscritos e aos de passagem mais 5.250 sopas, com pão, 965 pratos e 965 copos de vinho.

## Tudo lhes serve

Um caso simples, a que qualquer ser humano está atreito, originou mais um naco de prosa insidiosa do *Notícias de Guimarães*.

Ei-lo, em poucas palavras:

O administrador deste jornal, englobou, por equívoco, no mesmo recibo, as verbas de dois anúncios, respectivamente de 60 e 40 escudos, donde resultou uma só entidade, ser convidada a pagar dois anúncios.

O nosso amigo sr. António José Pereira Lima, digno administrador do concelho, a quem o recibo de 100\$00 foi dirigido, gentilmente nos convidou a desfazer o engano, denunciado em aberto pelo aumento da quantia em questão.

Imediatamente rectificado, o recibo correu os seus trâmites. Como se reconhece, um caso de pouca monta.

Pois foi o bastante para o *Notícias de Guimarães*, apressadamente informado do «grave e horrível acontecimento» explorá-lo nestes termos venenosos e chocarrieiros: «aqueles anúncios que nos diziam ter um preço mais ou menos certo, e que nós cumpríamos religiosamente por honestidade e liberalidade, têm sofrido a *melhoria* tam descarada que já causou certos reparos da casa...»

Descansem, srs. do *Notícias de Guimarães*, a *melhoria* descarada, já se rectificou.

E recebam os nossos parabéns pelo aperfeiçoado serviço de informações dentro das repartições do nosso concelho.

Para demonstração de baixos processos jornalísticos, não há nada mais eloquente!

E agora, um favorzinho: não nos obriguem a perder tempo e espaço, desfazendo insidias.

## Guimarães vai ter um teatro

Em sessão extraordinária, realizada no dia 18, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal, resolveu vender em hasta pública o edificio da antiga casa de espectáculos — D. Afonso Henriques —, com a condição de ser adaptado a teatro, no prazo de um ano, após a aprovação do projecto.

PATROCINADO PELA  
UNIAO NACIONAL



## DO CONCELHO

Urgezes, 17.

*Correspondências.* — E' bem triste o estar sózinho, mesmo quando se corresponde para jornais. Sabemos que é um pouco cedo, no entanto estranhámos que mais ninguém tenha correspondido à chamada que decerto não foi feita só a uma freguesia. Venham daí e animem a gente. Se não tiverem mais que dizer, digam que o dia de hoje está de furiosa tempestade, que não mentem.

*Bairro Operário.* — Foi geralmente bem recebida a notícia da construção do Bairro Operário nesta freguesia e do local para isso escolhido. Não falta todavia quem diga que é longe da cidade, que as rendas vão ser muito caras, que havia lugares mais bonitos... etc. Quem fez a casa na praça... já se sabe como é. Oxalá que as condições de arrendamento sejam ao alcance das magras bolsas dos nossos operários, e pretendentes não hão-de faltar.

Já estão desarvorizados os terrenos para as primeiras construções. Os proprietários dos terrenos queixam-se de que estes são mal pagos e se é como dizem, têm razão. Se houvesse terrenos à venda ao preço de \$60 o metro, o número de proprietários aumentava consideravelmente.

*Enfermo.* — Em casa de seus netos, na Cruz de Pedra encontrase bastante enfermo o nosso amigo José Rodrigo Ferreira, do lugar da Fonte Santa desta freguesia.

Desejamos-lhe rápidas melhoras.

*Falecimento.* — No dia 15 foi sepultado no cemitério desta freguesia o cadáver de Joaquim da Cunha, residente em Nespereira, e falecido em S. Sebastião donde foi trasladado para aqui, acompanhado pelo Rev.<sup>mo</sup> Prior daquela freguesia e pelos irmãos da Confraria de Nossa Senhora do Rosário desta freguesia, de que era honroso membro. Pêsames à família dorida.

*Nascimento.* — Em 4 do corrente viu a luz do dia uma robusta criança filha do sr. António de Abreu e Palmira Nogueira da Costa. Recebeu as águas vivificadoras do Baptismo no dia 9, tendo sido padrinhos os srs. Manuel da Costa e Belmira Rosa Nogueira, que lhe deram o nome de Manuel.

*Visita.* — Estiveram entre nós para servir de padrinhos a uma filhinha de Alberto Pereira, do lugar da Cerca, os srs. Alvaro Ferreira Faria d'Afonseca e D. Júlia Oliveira d'Afonseca, residentes na cidade do Porto. — C.

## Caldas das Taipas

No dia 12, realizou-se no Salvador de Briteiros um officio fúnebre por alma de José Ferreira Dias, do lugar da Agrela, assassinado por um vizinho com um forcado de

ferro, por causa duma briga, por bagatelas, a caminho duma taberna.

E quantas funestas conseqüências tem a freqüência da taberna?

Ainda agora nos ressoam aos ouvidos, vibrantemente, as palavras dum sr. Deputado, numa das últimas sessões da Assembleia Nacional:

— A mocidade hoje tem a ânsia da velocidade, tem a ânsia do movimento, tem a ânsia da vertigem e tem, sobretudo, a ânsia do prazer. E' preciso, pois dizer a essa pobre mocidade que vai por mau caminho, que o prazer mata a vontade, que o prazer mata a fôrça, que o prazer mata a beleza.

Estão proibidos os estupefacientes.

Pois o vinho, nas tabernas, é um estupefaciente horrível, para uns. E, para outros, é um excitante, que vai produzir espantosos destrambolhos no lar, e que, muitas vezes, produz sinistros efeitos pelo caminho.

Os filhos gerados na embriaguez são tarados, anormais, quasi sempre.

As conseqüências das tabernas, abertas em dias de descanso, são inomináveis — moral, económica e socialmente falando. Se fôssemos a dizer, ver-se-ia um espantoso e horrendo sudário.

*A corporação Fabriqueira.* — Já foram aqui publicados os nomes dos senhores que formam a corporação.

Há três dias foi a posse, por delegação do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Prelado, conferida pelo rev. Pároco.

O juramento foi qualquer cousa de impressionante. Cada um, de joelhos, a mão direita sobre o Missal, junto do altar do SS. Sacramento, jurou cumprir o mandato, a sério tomar as responsabilidades, que assumira.

E proferiram todos, cada um por sua vez, a seguinte fórmula:

Em nome da Santíssima Trindade — Padre, Filho e Espirito Santo. Amem. Eu F. prometo e juro que hei-de empregar todos os meios ao meu alcance e toda a deligência e solicitude, de que fôr capaz, na guarda, conservação, aumento e defesa dos bens, dos valores e interesses que estão confiados à Corporação Fabriqueira desta freguesia, que hei-de administrá los bem e fielmente em nome da Igreja e segundo as leis canónicas; e, finalmente, que hei-de desempenhar com integridade, honradez e perfeita lealdade as obrigações especiais do meu cargo e observar a devida discrição e reserva em todos os assuntos que a reclamarem por sua natureza e sempre que os meus superiores o ordenarem.

Assim o prometo, assim o juro, assim Deus me ajude e mai-lous seus santos Evangelhos, que toco com a minha mão. Amen.

— Há dias foi encontrada, nesta povoação, uma corrente de oiro, perdida. — C.

## DUAS MENTALIDADES

(Continuação da 3.ª página)

Esse teu grito de «liberdade» é o anseio de regresso ao passado?

Mas, felizmente para nós, esse passado acabou.

Podes chorar por êle no muro das lamentações!

Acabou o tempo da liberdade de propalar notícias falsas, de caluniar — a que tu chamavas «liberdade de imprensa».

Sim, essa liberdade acabou.

Liberdade de insultar, de matar e de roubar, não era liberdade era *licença*.

Tu que te insurgiste contra a autoridade sem liberdade, substituíste-a pela liberdade sem autoridade.

Na autoridade sem liberdade o poder estava na mão dum só homem que se responsabilizava pelos seus actos: era o govêrno absoluto, era a opressão geradora de actos de Revolta.

Veio depois, opondo-se a esta forma de govêrno, a sangrenta Revolução Francesa, que o substituiu pela forma liberdade sem autoridade: era o govêrno liberal, irresponsável, pois o chefe era um mito — o povo — por isso ainda mais agressivo e violento que o seu predecessor.

E, o que a primeira vista se parecem opor, analisado serenamente não só se não opõem, como até se assemelham.

Vejamos. Na História de Portugal como símbolo do apogeu do absolutismo aparece-nos o Marquês de Pombal, o homem da autoridade sem liberdade; pois quem no in-senceiam são exactamente os liberais, os homens da liberdade sem autoridade!

A Revolução Francesa deu-nos os «direitos do Homem» mas não deu os «deveres do Homem». Direitos sem deveres não se compreende: daí o caos, a anarquia.

Se ela só desse os direitos aos homens depois dêles estarem cientes dos seus deveres não teriam acontecido tantas desgraças na humanidade.

**Autoridade sem liberdade:** é a tirania dum responsável.

**Liberdade sem autoridade:** é a tirania, pior ainda, dos irresponsáveis.

**Liberdade e autoridade:** é um absurdo.

Que pretendemos então?

Restituir aos povos as **liberdades** perdidas há tantos anos e restituir-lhes uma **autoridade** segura — «é sob um govêrno forte que melhor se exercem as liberdades», escreveu Barjac.

**Autoridade e liberdades** eis a nova fórmula.

Louvado Deus que já temos a «liberdade de ser bom português».

ANTÓNIO-LINO.

## Carnaval

A academia da Escola Industrial e Comercial de Francisco de Holanda, realiza nos próximos dias 23 e 25 duas sessões cinematográficas, com animados festejos carnavalescos.

Um grupo de orfeonistas organiza também no salão da sede do grupo coral vimezanense uma *matinée* de Carnaval, que será abrilhantada por uma orquestra composta de *virtuoses* locais.

O Grémio industrial do Pevidém prepara animados bailes, que estão despertando vivo interesse na nossa sociedade elegante.

No salão do Asilo de Santa Estefânia o Grupo Dramático Vimezanense estrear-se-á nos dias de Carnaval com um escolhido programa.

Estas récitas serão abrilhantadas pela Orquestra Vimezanense, primoroso conjunto musical.

A procura de bilhetes já registada, é indício da numerosa afluência a esta festa.